



TRABALHOS E PAIXÕES DE BENITO PRADA
GALEGO DA PROVÍNCIA DE OURENSE
QUE VEIO A PORTUGAL
GANHAR A
VIDA

© 2021, Herdeiros de Fernando Assis Pacheco
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 – E. 10
1750-149 Lisboa
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

A 1.ª edição de *Trabalhos e
Paixões de Benito Prada* foi publicada em 1993
pelas Edições Asa. A presente, 10.ª edição,
é a primeira pela Tinta-da-china

Título: *Trabalhos e Paixões de Benito Prada
galego da província de Ourense,
que veio a Portugal gambar a vida*
Autor: Fernando Assis Pacheco
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Távares)

1.ª edição: Setembro de 2021

ISBN 978-989-671-627-1
Depósito Legal n.º 487171/21

FERNANDO ASSIS PACHECO

trabalhos
e paixões
de
Benito Prada

GALEGO DA PROVÍNCIA DE OURENSE
QUE VEIO A PORTUGAL
GANHAR A
VIDA

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXXI

Ó sórdidos galegos, duro bando
LUÍS DE CAMÕES

Olbo azul, pasmado e parvo
ALMEIDA GARRETT

1
—

Quando o Padeiro Velho de Casdemundo teve a certeza de que Manolo Cabra lhe desfeiteara a irmã, em dois segundos decidiu tudo. Nessa mesma noite matou-o de emboscada, arrastou o cadáver para o palheiro e foi acender o forno com umas vides que comprara para as empanadas da festa de San Bartolomé.

O irmão do meio encarregou-se de cortar a cabeça ao morto. O Padeiro Velho amanhou-o e depois chamuscou-o bem chamuscado. Às duas da manhã untou o Cabra de alto a baixo com o tempero, enfiando-lhe um espeto pelas nalgas. Às cinco estava assado.

«Caramba», disse o irmão do meio, que admirava todas as invenções do mais velho, «é à segoviana!»

«Mas não lhe pões o dente», cortou o outro.

Entretanto o mais novo, regressado já do Pereiro, aonde fora avisar o Padre Mestre, manifestou desejos de capar Manolo Cabra. O do meio olhou muito sério para o Padeiro Velho. Este cuspiu enojado e decretou:

«É tudo para os cães. E agora tragam-me lá a roupa do fiel defunto, que já não tem préstimo senão no inferno.»

Se perguntassem ao Padeiro Velho o que mais queria naquele momento, teria respondido:

«Assar-lhe até a memória.»

Nicolasa chorou um mês seguido antes de se convencer que a sorte dos amores é efêmera. Manolo Cabra, garantira o Padre Mestre, andava a monte e planeava fugir para o Brasil.

Este Elías Padre Mestre, primo dos Padeiros de Casdemundo, era funcionário menor na secretaria do tribunal de Ourense e aproximadamente o único de todos os Dorribos do município de Pereiro de Aguiar que sabia mais alguma coisa do que ler, escrever e contar, o que lhe valia uma aura inexpugnável de bacharel. A sua ciência formara-se em três anos de seminário, onde aprendera o castelhano da burocracia e a disciplina das putas ao fim-de-semana. Acabava de compor a figura jogando naipes como ninguém. Também fazia gala em usar as pílulas restauradoras do dr. Formiguera, cujo anúncio saía intermitentemente no *Eco de Orense*.

Pejerto acordou-o a meio do sono com a história do andaluz. O Padeiro Velho pedia conselho.

Entre os dois havia uma relação respeitosa a que o Padre Mestre sempre se mantivera fiel: sem serem da mesma criação entendiam-se bem. Elías tratava das contribuições do primo e assegurava os envios de farinha a tempo e horas para Casdemundo; Ruperto desenredava algum problema de dinheiro em que Elías andasse metido, geralmente quantias pequenas perdidas ao jogo.

O ex-seminarista vestiu-se e desceu à rua. Pejerto, um gigante de modos tímidos, torcia a boina, não atinando com a melhor maneira de relatar aquela estupenda vingança. Por fim experimentou:

«O primo havia de ver como foi.»

«Como foi o quê?»

«O Ruperto. Matou o Cabra.»

«Fala baixo», disse Elías, que tinha deixado a amiga no quarto e era de seu natural diplomata.

A casa ficava num extremo do Pereiro, mas ele achou conveniente retirarem dali e começou a puxar o mensageiro pela manga. Havia mais à frente uma vinha da duquesa da Conquista, que lhe pareceu bom local para confessar Pejerto.

O gigante aninhou-se ao pé de uma videira e desatou nervosamente a língua, entaramelada de cansaço. Era então assim: o andaluz, um Manolo Cabra ganhão e músico, metera-se com Nicolasa, e o irmão Ruperto levava tão a mal que lhe tinha feito uma espera, derrubando-o a golpes de foicinha.

«Onde o enterraram vocês?», perguntou Elías.

«Não enterrámos», disse Pejerto com a sua voz escura. «O Padeiro Velho ficou a assá-lo no forno.»

Dagoberto, o do meio, trinchara a cabeça do ganhão e lançara-a na nitreira depois de a esmigalhar à pazada. A ele, o mais novo, haviam-no despachado para o Pereiro a falar com o primo. Fazia-se luz no entendimento do homem dos tribunais: Ruperto Dorribo queria ganhar tempo à justiça ou mesmo impedi-la de se pôr em marcha.

O Padre Mestre devia tantos favores ao Padeiro Velho que não se lembrava de nenhum em particular, mas eram pesos de balança na sua consciência. Teve uma súbita inspiração:

«Vais contar que ele anda fugido. Dizes ao teu irmão Ruperto que é o que consta aqui no Pereiro: o tipo sonha escapar-se para o Brasil, onde tem parentes. Mais logo apareço em Casdemundo. Quando o bicho estiver na mesa.»

Pejerto carregou esta informação com o mesmo desvelo que empregaria em transportar um favo de colmeia. Ruperto e Dagoberto fizeram-no repetir as palavras do primo Elías, depois sentaram-se cada um no seu mocho e viram como os oito mastins da casa esburgavam os restos dos ossos de Manolo Cabra, amante atrevido. Pejerto continuava a pensar que teria sido bonito capar o morto.

À tarde chegou o Padre Mestre, com a gola da jaqueta besuntada de suor e creme para o cabelo e um Farias aceso na boca. Dagoberto foi buscar as taças mais o pichel.

«Quer o primo dizer», disse Ruperto, «que o malvado se safou sem a gente lhe dar umas boas porradas.»

«Não tarda está a escrever de lá, só para se gabar que é esperto», confirmou o Padre Mestre.

Foi exactamente assim que o termo de Pereiro de Aguiar apagou da lembrança Manolo Cabra, fornicador de donzelas e ágil tocador de concertina. Por altura do Advento, devidamente instruído pelo Padre Mestre, um paisano respondia da cidade da Bahia de Todos os Santos a dar novas do foragido: sob suspeita de ser o receptador de uma quadrilha crioula que começara a operar na Rua Chile e imediações, prejudicando a praça comercial, fora detido, interrogado e intimado com uns croques a exilar-se para as terras do cacau, onde faziam lei os jagunços do coronel Ramos Amado. O seu rasto perdera-se em Auricídia.

Nicolasa, que já secara a torrente das lágrimas, tomou-se de brios e no Entrudo desposou um vizinho afiadador que seis semanas depois partia para Portugal, deixando-a grávida de Benito.



FERNANDO ASSIS PACHECO nasceu em Coimbra, em 1937. Licenciou-se em Germânicas, escreveu na *Vértice* e fez teatro no TEUC e no CITAC. Entre 1961 e 1965 cumpriu serviço militar em Portugal e esteve na guerra em Angola. Jornalista de profissão, escreveu em diversas publicações (*Diário de Lisboa*, *República*, *JL*, *Se7e*, *O Jornal*, *Visão*) e colaborou com a RTP. Publicou uma dezena de livros de poemas e plaquetes de circulação restrita, entre os quais *Cuidar dos Vivos* (1963), *Catalabanza*, *Quilolo e Volta* (1972, 2.^a edição 1976), *Memórias do Contencioso* (1980) e *Variações em Sousa* (1987). Em 1991 reuniu os seus poemas em *A Musa Irregular*, edição da Hiena. *Respiração Assistida* sai em edição póstuma, em 2003. É também autor de uma novela (*Walt*, 1978) e de um romance picaresco (*Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, 1993). Traduziu Pablo Neruda e Gabriel García Márquez. Postumamente vieram a lume livros de entrevistas e de crónicas, como as *Memórias de Um Craque* (2005). Morreu em Novembro de 1995, à porta de uma livraria de Lisboa.



TR A B A L H O S
E P A I X Õ E S
D E B E N I T O P R A D A

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica, Lda,
sobre papel Coral Book de 80 g,
em Agosto de 2021.